



## CONJUNTURA

### A miséria recente

As últimas PNADs do IBGE nos permitem sintetizar a deterioração do trabalho nas seis principais metrópoles brasileiras: entre 1996 e 1998, a renda (domiciliar *per capita* deflacionada pelo INPC), caiu 2,6%. A proporção de indigentes aumentou 7,4%. A mesma pesquisa permite ampliar, paulatinamente, o foco da análise dos indicadores sociais. Primeiro, ao aumentar a cobertura espacial dos indicadores baseados em renda do trabalho para o nível nacional: entre 1996 e 1998, a renda caiu 0,27%, enquanto a indigência aumentou 1,63%. Ou seja, a precarização do trabalho é menos pronunciada no universo brasileiro do que no metropolitano. Finalmente, ao incorporarmos todas as fontes de renda percebidas pelos diversos membros dos domicílios, chegamos a medidas mais representativas do bem-estar nacional: entre 1996 e 1998, a renda aumentou 1,6%. A indigência caiu 5,1%, perfazendo, em 1998, um total de 34 milhões de indigentes. É um número ainda considerável, se comparado à relativamente alta renda média brasileira. Entretanto, deve-se frisar que, de maneira surpreendente – dada a forma como o debate tem sido conduzido –, a miséria brasileira caiu no período 1996-1998.

O ponto central é que a evolução recente dos números da miséria brasileira não se resume à crise anunciada nos indicadores de mercado de trabalho metropolitano. Isto porque os indicadores sociais baseados em pesquisas mais ágeis de mercado de trabalho, como a PME-IBGE (PED-Seade), captam o lado crítico das condições de vida atuais. E a onda recente de crises externas atingiu mais fortemente o trabalho metropolitano (em particular, o paulistano), do que outras fontes de renda ou áreas geográficas.

Marcelo Neri – Instituto Brasileiro de Economia/FGV